

MONITORES DE MUSEUS E CENTROS DE CIÊNCIAS: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DE MEDIAÇÃO

Kalinka Walderea Almeida Meira ¹

RESUMO

A atividade de mediação realizada por licenciandos em Museu e Centros Interativos de Ciências e Tecnologia (MCICT) se constitui como elemento essencial nas ações educativas realizadas nesses espaços. Nesse sentido, investigar como se configura a atuação dos monitores licenciandos nessas instituições de educação não formal pode oferecer subsídios relevantes para aprimorar futuras práticas. Esta pesquisa teve como objetivo compreender como os monitores percebiam suas funções e se essas experiências contribuíram para sua formação docente. O estudo foi realizado com 16 monitores licenciandos em Física que exerceram atividades de mediação no Museu Vivo da Ciência e Tecnologia de Campina Grande/PB entre 2003 e 2022. Trata-se de uma investigação qualitativa que adotou a metodologia de História Oral, articulada à Análise de Conteúdo. Para fundamentar a análise sobre as contribuições formativas oportunizadas em MCICT, foram utilizados os estudos de Ovigli, Pugliese e Queiroz. Os entrevistados relataram terem vivenciado contribuições significativas à sua formação docente, especialmente pelo contato com equipamentos diversificados e com públicos de diferentes faixas etárias. Entre as contribuições destacadas, estão: o desenvolvimento de estratégias criativas para ensinar e aprender continuamente em uma troca dinâmica e dialógica de saberes entre pares e visitantes; o enriquecimento dos saberes disciplinares e pedagógicos; a adaptação da linguagem científica para uma linguagem mais acessível ao público; a elaboração de dinâmicas para motivar e manter a atenção, interação e motivação dos visitantes de forma organizada; o desenvolvimento de estratégias para estimular perguntas e respostas dos visitantes; a valorização da educação não formal como basal para complementar e apoiar educação formal e à formação cidadã; o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva em relação à própria prática. Portanto, esses resultados evidenciam o potencial formativo das experiências vivenciadas em MCICT e sua relevância para a formação inicial de professores.

Palavras-chave: Monitores; Museus e Centros de Ciências; Prática de Mediação.

INTRODUÇÃO

Compreender a mediação apenas como uma ligação entre elementos ou sujeitos distintos é uma interpretação limitada que reduz essa atividade uma simples “ponte”, pressupondo que a relação se estabeleça automaticamente a partir dessa ligação. Entretanto, a mediação envolve um conjunto de relações que permeiam pensamentos, ações e desejos construídos social e historicamente.

¹ Doutorando em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, kalinkawaldereameira@gmail.com;



Por se tratar de um fenômeno essencialmente humano, a mediação carrega significados que moldam as formas de interação e contribuem tanto para a transformação da realidade quanto para a formação dos próprios sujeitos.

Sendo os museus “espaços legitimados de incremento da cultura, inclusive a cultura científica” (Pugliese, 2015, p. 195), de encontro e sociabilidade, associado ao lazer, fruição, entretenimento e aprendizado, essas instituições configuram-se como essenciais à formação integral. Todavia, Pugliese alerta para o risco de se estabelecer uma visão reducionista dessa visitas, quando tratadas apenas como uma metodologia de ensino, desvinculadas da formação docente. Tal perspectiva resulta no rebaixamento da complexidade desses espaços, provocando lacunas tanto em seu potencial pedagógico quanto no enriquecimento cultural dos futuros professores.

A mediação científica realizada por licenciandos em Museus e Centros Interativos de Ciência e Tecnologia (MCICT) constitui-se como um elemento central nas ações educativas promovidas por essas instituições de educação não formal. Nesse contexto, compreender como se ocorre a atuação desses monitores — e de que forma suas experiências contribuem para sua formação docente — pode oferecer subsídios valiosos para o aprimoramento de práticas pedagógicas nessas instituições.

Seguindo por esse entendimento, esta pesquisa teve como objetivo analisar as percepções e experiências formativas de licenciandos em Física que atuaram como mediadores no Museu Vivo da Ciência e Tecnologia de Campina Grande/PB, no período de 2003 a 2022. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, que adotou a metodologia da História Oral (Meihy; Holanda, 2013; Meihy; Ribeiro, 2011) articulada à Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), como procedimentos de investigação e interpretação dos dados. A análise das contribuições formativas foi fundamentada nos referenciais teóricos de Ovigli (2009, 2011, 2013), Pugliese (2015) e Queiroz (2002, 2013), que discutem o papel educativo e formativo dos MCICT na formação inicial de professores.

METODOLOGIA

Nessa pesquisa, de natureza qualitativa, busamos compreender as percepções e experiências formativas de licenciandos que atuaram no Museu Vivo da Ciência e Tecnologia de Campina Grande/PB entre 2003 e 2022. A abordagem qualitativa nos possibilitou interpretar significados, valores e crenças presentes nas ações dos sujeitos,



permitindo uma compreensão mais ampla das relações que configuram o fenômeno estudado.

Adotamos a metodologia da História Oral (Meihy; Ribeiro, 2011; Meihy; Holanda, 2013), entendida como um conjunto de procedimentos voltados à construção de registros e memórias a partir de narrativas de vida. Essa metodologia orientou todas as etapas do estudo — pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista — e possibilitou a elaboração de um corpus documental constituído por depoimentos de dezesseis ex-monitores licenciandos em Física.

As entrevistas, de caráter semiestruturado, foram realizadas majoritariamente por videoconferência (Google Meet), com autorização formal por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os encontros, gravados em áudio e vídeo, tiveram duração média de uma hora e meia. Após a transcrição e textualização colaborativa dos relatos — conforme orientações de Meihy e Ribeiro (2011) —, os participantes revisaram e validaram suas versões finais, que passaram a compor o acervo da pesquisa.

A análise das narrativas foi conduzida a partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), tomando as textualizações como base interpretativa. Esse procedimento permitiu organizar e categorizar os dados de modo sistemático, preservando o sentido original das experiências relatadas e garantindo a autenticidade das vozes dos participantes.

Diante da amplitude do material coletado, o presente trabalho concentra-se nas percepções dos monitores acerca de suas atividades no Museu e contribuições formativas decorrentes dessa experiência em um contexto de educação não formal.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme Pugliese (2015, p. 58), as visitas escolares a Museu e Centros Interativos de Ciência e Tecnologia apresentam características semelhantes às de uma aula de campo e “dependendo de como são planejadas podem agregar diferentes áreas do conhecimento, promovendo por exemplo, a realização de ações e projetos multi e interdisciplinares, de modo a explorar o máximo das potencialidades do local”.

Ao abordar a avaliação de práticas de campo, Pugliese (2015, p. 57) destaca que essas experiências contribuem para o desenvolvimento de habilidades e atribuem valor às suas vivências cotidianas. Tais experiências, podem impactar positivamente na memória



de longo prazo, pois envolvem aspectos cognitivos e afetivos potencializando a aprendizagem.

Pugliese (2015, p. 86) sustenta que incorporar atividades de campo e visitas a museus de ciências na formação inicial de licenciandos contribui para “a autonomia da prática profissional do professor, inclusive na elaboração de estudos do meio.” Além disso, tais práticas auxiliam no desenvolvimento de um currículo escolar menos enciclopédico, despertando maior interesse nos estudantes e promovendo reflexões antes, durante e após a realização destes momentos extraclasse.

Considerando a necessidade de os cursos de licenciaturas proporcionarem experiências diversificadas, práticas formativas significativas e discursões críticas, concordamos com Pugliese (2015, p. 58) ao destacar a importância de incluir os MCICT como espaços de estágios e atuação docente, objetivando oportunizar observação, reflexão e reelaboração de práticas educativas.

Dessa forma, a convivência dos licenciandos com os museus deve ocorrer tanto na condição de visitantes quanto na de protagonista das ações educativas. Como reforça Pugliese (2015, p. 196), não basta apenas aproximar o professor em formação dos MCICT; é preciso incentivá-lo a refletir criticamente sobre os múltiplos saberes e metodologias que esses espaços contemplam, sobretudo no que diz respeito à cultura científica e ao ensino de ciências.

Nesse mesmo sentido, Ovigli (2011, p. 136) argumenta que os MCICT podem se configurar como importantes espaços de articulação com a formação docente, inclusive, com vistas a uma atuação profissional futura dos licenciandos nesses ambientes. A parceria entre museu e escola, conforme o autor, pode ser favorecida, no âmbito dos estágios supervisionados, à medida que os licenciandos passam a reconhecer o museu como espaço educativo e o insere em suas práticas pedagógicas.

Sendo os monitores de MCICT geralmente estudantes de licenciatura, o estágio nessas instituições de educação não formal se configura como um processo formativo, que contribui para o aprimoramento da prática, mas que exige articulação de conhecimentos diversificados e multifacetados, os quais se entrelaçam com os campos da educação formal, da epistemologia da ciência e da museologia. Segundo, Queiroz et al. (2002, p. 81-86), esses saberes podem ser organizados em três grandes categorias, que se interconectam e revelam a complexidade do trabalho do monitor.

A primeira categoria diz respeito aos saberes compartilhados com a escola: o saber disciplinar, que consiste no domínio dos conteúdos científicos relacionados à



exposição a ser mediada; o saber da transposição didática, necessário para tornar o conhecimento acessível ao público; o saber do diálogo, que envolve a escuta ativa e a valorização do conhecimento do visitante; o saber da linguagem, essencial para adequar o discursos às diferentes faixas etárias e perfil do público.

A segunda categoria se refere aos saberes compartilhados com a escola no que dizem respeito à educação em ciência: o saber da história da ciência, que permite distinguir o conhecimento científico atual e suas versões anteriores; o saber da visão de ciência, relacionado a compreensão da natureza do conhecimento científico e seus critérios de validação; e o saber das concepções alternativas, que implica reconhecer e trabalhar com ideias não científicas presentes nas exposições e no imaginário do público.

Por fim, os saberes mais propriamente de museus: o saber da história da instituição; o saber da interação com professores, para mediar o diálogo entre a escola e o museu; o saber da conexão, responsável por articular os diferentes espaços de uma exposição; o saber da história da humanidade, situando os temas em contextos socioculturais amplos; o saber da expressão corporal, que envolve o corpo para simular fenômenos; o saber da manipulação, no uso da interação física com os aparatos expositivos; o saber da ambientação, sensíveis aos aspectos estéticos dos espaços expositivos; e o saber da concepção da exposição, que remete às intenções pedagógicas dos idealizados das exposições.

Ao reunir esses saberes, o monitor atua como elo entre os significados construídos pelos curadores e as interpretações do público. Para Ovigli et al. (2010, p. 110):

os licenciandos que tiveram a experiência de mediação podem ocupar posição privilegiada para acompanhar seus alunos em visita ao museu de ciências, pelo conhecimento que já têm de sua turma e, especialmente, da dinâmica de funcionamento de um espaço como esse. Também, tendo em vista sua interação constante em sala de aula, esses professores podem melhor encadear as aprendizagens no museu com aquelas em desenvolvimento nas escolas.

Seguindo pelo entendendo de que o monitor atua em uma zona de interseção entre múltiplas áreas do conhecimento – situação que desafia os modelos de formação docente –, autores como Ovigli (2011, 2009), Pugliese (2015) e Queiroz (2003), para citar alguns, destacam que a inclusão de experiências em espaços não formais de educação nos currículos de licenciatura, incentiva os futuros professores a integrarem atividades extraescolares às suas práticas pedagógicas, enriquecendo os processos de ensino-aprendizagem com abordagens interdisciplinares e participativas.



Além disso, a obrigação em lidar com um público diversificado exige criatividade e flexibilidade; o contato direto com objetos expositivos e experiências interativas favorece o aprofundamento, tanto dos conteúdos específicos quanto dos saberes pedagógicos, estimulando práticas mais dialógicas e centradas nos educandos. Ademais, o envolvimento com atividades culturais, promovidas nessas instituições, amplia a formação intelectual dos licenciandos, fomentando o hábito da fruição cultural e fortalecendo da sua erudição.

Esse conjunto de saberes e competências soma-se a dimensão reflexiva da mediação, conforme argumenta Queiroz (2013), inspirado em Schön (1983). Para o autor, o mediador deve atuar com sensibilidade artística para superar por meio da criatividade e da reflexão na ação circunstâncias imprevistas, intrínsecas à relação do mediador com o público. Assim, a consciência de cada experiência vivenciada, o reconhecimento de padrões, a reelaboração de ideias, emergente do exercício reflexivo, o permitirá ressignificar suas experiências e aprimorar sua atuação.

Com base nessas discursões, entendemos que a mediação em museus e centros de ciências configura-se como um campo fértil para o desenvolvimento profissional docente, desde que orientada por práticas formativas conscientes, integradoras e sensíveis aos contextos educativos em que estão inseridas. Marandino (2001, p. 3) destaca que a formação de professores deverá contemplar não apenas conhecimentos sobre as exposições, mas também a pedagogia própria do museu. Isso implica reconhecer as especificidades das exposições e de suas ações culturais (relacionadas ao lugar, ao tempo e aos objetos no espaço museal) como componentes essenciais na formação de educadores numa didática de museu.

Nesse sentido, a autora (Marandino, 2003, p. 59-76) critica a supervalorização da escola, especialmente da sala de aula, como espaço educacional privilegiado (muitas vezes único) para os estágios docentes. Essa limitação empobrece as possibilidades da formação, ao restringir o olhar dos professores a um único ambiente educativo, negligenciando a riqueza de experiências formativas que podem emergir de espaços não formais de educação.

Importa frisar que a defesa pela integração dos museus e centros interativos de Ciência e Tecnologia (MCICT) à formação docente não implica a substituição dos estágios em escolas, mas sim a sua ampliação. Sendo assim, entendemos que os cursos de licenciatura devem contemplar, em suas propostas formativas, tanto os aspectos racionais (cognitivos, conceituais e lógico-científico da aprendizagem) quanto os



estético-tecnológicos (sensoriais, de ambientação e de designer expositivo), contribuindo, assim, não apenas para o avanço da educação científica, mas também para a democratização do acesso ao conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, no Quadro 1, destacamos as principais percepções dos monitores de Física sobre as práticas realizadas durante seu estágio no Museu Vivo da Ciência e Tecnologia de Campina Grande

Quadro 1: Concepções dos monitores entrevistados sobre as ações no Museu Vivo

Unidade de Registro	Trechos dos monólogos dos monitores entrevistados
Despertar sentimento positivo pela carreira docente	Ser estagiário no Museu foi o divisor de águas na minha carreira, lá entendi que queria ser realmente professor, levar um pouco de conhecimento e tentar mudar a vida de uma pequena parcela da sociedade. Isso, eu quero levar sempre comigo pelos próximos 30 anos (M2)
Ambiente para vivenciar experiências formativas	Ali, estamos meio que ensaiando realmente o que podemos levar para a sua sala de aula. (M3)
Apresentar a Física ligada as atividades cotidianas	O estágio no Museu me ajudou bastante na sala de aula. Lá, eu entendi que a dificuldade dos alunos em aprenderem Física é por não conseguirem enxergá-la no dia a dia. Para eles, a Física é muito abstrata, não faz sentido, [...] não se sentem motivados em aprendê-la (M15)
Maneira diferente de ensinar	Era uma forma de ensinar diferente e entender isso só foi possível estando no Museu. (M10)
Adaptar a linguagem acadêmica	Um dos primeiros problemas foi a linguagem acadêmica que eu usava e tive que mudar para uma mais didática, mais compreensível que se encaixasse no dia a dia dos alunos. Na Universidade ficamos muito presos a linguagem acadêmica e quando vamos para um espaço não formal ou conversar com pessoas que não são da área, adaptar a linguagem não é tão fácil por causa do medo de cometer erros conceituais (M4)
Entender o outro	O Museu também era o lugar de experiência, de conviver e entender um pouco aquele ser humano que nos visitava [...] (M7)
Despertar para a experimentação e divulgação científica	Então, de maneira geral, o Museu me fez despertar para a área experimental e divulgação científica. Contribuiu para minha formação acadêmica, minha prática e para perceber como é importante fazer experimentos na sala de aula. (M2)
Auto avaliar-se	A experiência do Museu, faz a gente se perguntar como motivar os alunos, porque quando eles não interagem,



	procuramos no mesmo momento fazer diferente, abordar de outra maneira. Lógico, isso também vem com a questão do seu interesse em estudar, para mudar o jeito de falar, de explicar. O ponto chave do Museu é sair daquela parte chata de fazer contas e apresentarmos a relação dos conceitos com a vivência dos alunos. (M6)
Tornou-se mais dinâmico e passou a interagir mais	Eu acho que sem essa experiência, eu seria um professor um pouco mais chato, mais limitado, minha metodologia seria mais enrijecida, mais tradicional e meu aluno bem mais passivo. (M4)
Contextualizar melhor e usar abordagens mais práticas	O estágio no Museu me motivou a trazer coisas mais práticas pra minha sala de aula. Eu acredito que a participação dos Museus de Ciências na construção do saber do professor é extremamente importante. Porque o professor deve ser preparado para trazer diversos conteúdos para a sala de aula, numa abordagem clara, e não apenas utilizando e seguindo fórmulas científicas. (M6) Às vezes quando estou na sala de aula, falo que trabalhei no Museu, falo dos experimentos, porque muitas vezes os conteúdo remetem aos experimentos do Museu Vivo (M9)
Habilidades para estimular simulação criativa	Na Universidade, nos habituamos ao professor dar o conteúdo e nós resolvermos questões, o Museu abriu minha mente para ver que é preciso mexer, de fato com os sentidos dos visitantes. Hoje, tenho uma outra maneira de ensinar Física, não é só no quadro, consigo estimular meus alunos, mesmo sem um laboratório, a fazerem experimentos mentais e isso me ajuda muito porque na escola que trabalho, assim como a maioria das escolas públicas, não dispõe de laboratório de ciências. (M5)
Aperfeiçoar e adquirir novos conhecimentos	Dizem que aprendemos quando ensinamos, pois é, aprendemos muita coisa tentando ensinar sobre o que tinha no Museu. (M13)
Explicar a Física em diversos níveis de profundidade	O Museu me proporcionou pensar em como eu poderia explicar os conteúdo em diversos níveis, com diversas profundidades. (M6)
Desmistificar a Física	No Museu, quando mostramos um experimento eles acham o máximo, isso desmistifica que a Física é ruim e complicada. (M13)
Conhecimento e Segurança	O PROAFE me proporcionou conhecimento na área experimental e segurança para lidar com os alunos. (M1)
Habilidade comunicativa e gestão de sala	me ajudou como professor a melhorar meu discurso, a dicção, as expressões corporais, faciais e controle de turma. Foi algo que contribuiu demais. (M15)
Relacionar a Física com outras disciplinas	Nós observávamos a apresentação um do outro e quando não havia aluno visitando, buscávamos interagir e conhecer um pouco mais das outras áreas para integrarmos os conhecimentos. (M8)



Considerar o saber do outro	Então, todas as atividades que desenvolvi, mais especialmente no Museu de Ciências, contribuíram muito para minha formação, para eu levar sempre em conta o que o outro sabe, e partir dali construir conhecimentos sem precisar me apegar a denominações muito fechadas, aos dogmas da ciência e essas características que tanto observamos em uma ciência que é trabalhada com um pensamento hegemônico. (M16)
-----------------------------	--

Fonte: Entrevistas realizadas entre 2022 e 2023.

As narrativas dos monitores revelam que a experiência no Museu Vivo da Ciência e Tecnologia configurou-se como um espaço formativo significativo, capaz de integrar teoria, prática e reflexão. As vivências de mediação favoreceram o despertar para a docência, o interesse pela experimentação científica e o reconhecimento da importância da divulgação da ciência. Ao interagir com diferentes públicos, os licenciandos desenvolveram habilidades comunicativas, autoconfiança e capacidade de adaptação da linguagem acadêmica para formas mais acessíveis, contextualizadas e envolventes. Os depoimentos evidenciam ainda o fortalecimento de uma postura crítica e reflexiva, expressa na busca por novas estratégias para motivar os visitantes e tornar o ensino de Física mais dinâmico e conectado à realidade cotidiana. Nesse processo, os monitores passaram a valorizar o saber do outro, compreender a relevância da interdisciplinaridade e reconhecer os museus de ciência como ambientes privilegiados para a formação docente, contribuindo para a construção de professores mais criativos, sensíveis e socialmente comprometidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o sistema educacional oficial permaneça como principal espaço de socialização dos conhecimentos historicamente construídos, as instituições de educação não formal, como os museus e centros de ciência, exercem função complementar imprescindível ao oferecer experiências educativas que ampliam e enriquecem a compreensão dos fenômenos científicos e culturais. Fundamentados nas narrativas e estudos, estas instituições de educação não formal proporcionam aos licenciandos – na condição de monitores – oportunidades que favorecem o desenvolvimento de competências pedagógicas (transposição didática; criatividade e improvisação; sensibilidade cultural; autonomia; e integração entre teoria e prática), habilidades



comunicativas (adequação da linguagem ao público; uso de linguagem corporal e expressiva; comunicação e, escuta ativa e empática; estímulo ao diálogo e à interação) e capacidades reflexivas (reflexão na ação; reflexão sobre sua prática; tomada de consciência sobre o processo educativo; reconhecimento de padrões; e adaptação de estratégias) que são elementos centrais à constituição de um professor críticos, criativo e comprometido com a transformação da educação inclusiva para todos.

Entretanto, ainda se faz necessário aprofundar as investigações que proponham metodologias sistematizadas voltadas às práticas desenvolvidas pelos museus e centros de ciência. É igualmente essencial ampliar os debates teóricos acerca dos desafios inerentes à divulgação científica, de modo a problematizar suas limitações e apontar caminhos mais consistentes e eficazes para o aprimoramento da mediação humana nesses espaços. Além disso, destaca-se a urgência de implementação de políticas públicas mais estruturadas e permanentes, capazes de assegurar a continuidade, a qualidade e a relevância social das ações de divulgação científica e tecnológica, garantindo que essas iniciativas se mantenham inclusivas e socialmente comprometidas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

MARANDINO, M. Formação de professores, alfabetização científica e museus de ciências. **Divulgação científica na sala de aula: perspectivas e possibilidades**. Ijuí: Editora Unijuí, 2015.

MARANDINO, M. A formação de professores e o ensino de ciências em espaços não formais. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 3–17, 2001.

MARANDINO, M. Educação em museus: a mediação em questão. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 1, p. 59–76, 2003.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Guia prático de história oral. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

OVIGLI, D. F. B. **Os saberes da mediação humana em centros de ciências:** contribuições para a formação inicial de professores. 2009. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

OVIGLI, D. F. B. **As pesquisas sobre educação em museus e centros de ciências no Brasil: estudo descritivo e analítico da produção acadêmica**. 2013. 404 f. Tese



(Doutorado em Educação para a Ciência) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2013.

PUGLIESE, A. **Os museus de ciências e os cursos de licenciatura em ciências biológicas: o papel desses espaços na formação inicial de professores**. 2015. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

QUEIROZ, G. R. P. C. O museu de ciências e a formação de professores: um espaço de reflexão e aprendizagem. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C.; BRITO, Fátima (Org.). **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002. p. 81–86.

QUEIROZ, G. R. P. C. Formação de mediadores para museus em situações educacionais ampliadas: saberes da mediação e desenvolvimento profissional. **Ensino Em Re-Vista**, v.20, n.1, p.149-162, jan./jun. 2013. DOI: 10.14393/ER-v20n1a2013-13 . Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/23219>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SCHÖN, D. Formar Professores como Profissionais Reflexivos. In: Nóvoa, A. **Os Professores e a sua Formação**. Lisboa: D. Quixote, p. 77 – 92, 1992.

